

Era uma vez...
Uma cidade onde existiam meninos e meninas iguais a todos os outros meninos e meninas. Faziam as coisas habituais que os vemos fazer todos os dias, como:
- Ir à escola,
- Ajudar os pais em casa, cumprir as suas tarefas,
-Brincar, passear e se comunicar.
O que esta cidade tinha de diferente era a forma como eles se comunicavam: Eles usavam gestos.
Sim, gestos!!! Mas não porque não soubessem falar.
É que eles tinham receio de falar e incomodar as outras pessoas da cidade.



Certa vez, Eduardo, um dos meninos da nossa cidade silenciosa, fez uma viagem. Ele foi visitar uma cidade vizinha, e ao chegar ficou muito espantado com o que viu e ouviu. Logo ao lado da paragem do autocarro havia um parque infantil lotado de crianças.



Sentou-se a observar:



- João, passa-me a bola. – Gritou uma delas.
- Não passa para mim. – Disse outro.



O menino que estava com a bola, não passou-a a nenhum dos dois, pôs-se a correr dando altas gargalhadas por conta da perseguição que se tinha iniciado. Criou-se uma barulheira das crianças, rindo e gritando alegres.
- Betinho, volta aqui… passa a bola… não podes jogar sozinho! – Gritavam elas.



O menino Eduardo olhou a volta, para ver se as pessoas daquela cidade não estavam incomodadas com o barulho das crianças. Ninguém se incomodava e a vida fluía naturalmente.



Durante o tempo em que ficou naquela cidade, o menino ia todos os dias sentar-se naquele parque infantil a admirar o jeito diferente dos meninos daquela cidade. Certa vez, viu um grupo de crianças sentadas com adultos a conversar, e pensou:

- Eu sabia que eles não podiam se comportar daquela forma! Vou aproximar para ouvir a chamada de atenção.

Quando ele chegou mais perto, escutou frases que o deixaram mais confuso do que já estava:

- Artur, diz-nos o que pensas sobre esta situação.

– Dizia uma senhora de cabelos brancos e óculos de vista.



- Eu não concordo com a ideia de diminuírem a área do parque para construírem quiosques. Nós somos muitos e precisamos de espaço para brincar ao ar livre. - Respondeu o menino Artur.





- O Artur tem razão. – Concordou um senhor que também participava da reunião.